



ESTADOS UNIDOS

Trump liga 11/9 à guerra no Irã

Durante cerimônia no Pentágono, em alusão ao 25º aniversário dos atentados, presidente republicano classifica Teerã de “maior patrocinador do terrorismo no mundo” e afirma que só existe a possibilidade militar de vitória no Oriente Médio

Em pronunciamento no Pentágono, durante a cerimônia no 25º aniversário dos atentados de 11 de setembro de 2001, o presidente dos EUA, Donald Trump, utilizou o maior ataque terrorista da história para justificar a guerra contra o Irã, que completa hoje 196 dias. “Nós saudamos cada militar dos EUA que serviu na ‘guerra ao terror’. Saudamos os militares que estão trabalhando, neste momento, para garantir que o maior patrocinador do terrorismo no mundo, a República Islâmica do Irã, jamais tenha uma arma nuclear”, declarou Trump, ao lado de seu secretário da Defesa, Pete Hegseth.

Há um quarto de século, um comando de 19 terroristas da rede Al-Qaeda sequestrou quatro aviões comerciais, lançando dois deles contra as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York, e o outro contra o Pentágono, em Washington. Uma quarta aeronave caiu em um campo na Pensilvânia, depois que passageiros lutaram contra os extremistas e tentaram tomar controle da cabine.

Ao citar os 2.977 mortos no atentado, o presidente republicano avisou: “Jamais, em hipótese alguma, esqueceremos”. “É por isso que lutamos hoje. Não temos escolha. Só existe a vitória. Lutamos com garra. Lutamos para vencer”, disse. Hegseth assegurou que a batalha contra o jihadismo continua agora com o Irã. Trump não visitou o Marco Zero, o local onde ficavam as torres do World Trade Center, em Nova York. Ele esteve representado pelo vice J.D. Vance. Em Manhattan, o evento de tributo às vítimas dos atentados de 11 de setembro reuniu os ex-presidentes Barack Obama, responsável pela operação que matou Osama bin Laden, em 2011; George W. Bush, que governava o país à época dos ataques; e Bill Clinton. O prefeito de Nova York, Zohran Mamdani, 34 anos, integrante da ala esquerda do Partido Democrata e o primeiro administrador da cidade a prestar juramento sobre o Alcorão, esteve ao lado do trio de ex-mandatários.

Uma grande multidão se reuniu no local para a tradicional cerimônia solene

anual, que reconstituiu os acontecimentos daquele dia, minuto a minuto, e terminou pouco antes das 13h locais. Os parentes das vítimas começaram a ler a longa lista de nomes dos falecidos em meio a uma forte vigilância policial. “Todo ano é um período muito difícil para nós, e este ano ainda mais porque chegamos ao marco dos 25 anos”, declarou à agência France-Presse John Fila, um bombeiro que acompanhava, a algumas centenas de metros, outra cerimônia em Manhattan.

Pouco antes da solenidade em Nova York, Obama publicou uma mensagem na rede social X sobre a data. “Se você era jovem em 2001, ou nem havia nascido, pode ser difícil imaginar como foi vivenciar o 11 de setembro. O choque daquela manhã linda e sem nuvens. A dor profunda das famílias cujos entes queridos foram levados com tamanha rapidez e crueldade. A constatação de que as forças da maldade e da violência estavam mais próximas — e o futuro, menos certo — do que imaginávamos”, escreveu. “Mas, nos dias que se seguiram, sentimos também algo mais. Orgulho das equipes de resgate que correram para o local e dos passageiros que invadiram a cabine de comando. Admiração pelos homens e mulheres que deixaram para trás vidas de conforto para servir ao país. A firme convicção de que nada quebraria a vontade de uns Estados Unidos da América verdadeiramente unidos. (...) Esperamos que os americanos, onde quer que estejam, se lembrem da verdadeira lição do 11 de Setembro: a de que podemos superar até mesmo os nossos dias mais sombrios, desde que avancemos como uma só nação e um só povo.”

tados Unidos da América verdadeiramente unidos. (...) Esperamos que os americanos, onde quer que estejam, se lembrem da verdadeira lição do 11 de Setembro: a de que podemos superar até mesmo os nossos dias mais sombrios, desde que avancemos como uma só nação e um só povo.”

Al-Qaeda

Segundo o SITE Intelligence Group, organização especializada em vigilância de páginas islamistas, a Al-Qaeda publicou imagens de Bin Laden e de seu filho Hamza, por ocasião do aniversário. Bin Laden foi eliminado pelos SEALs, a força de elite da Marinha americana, durante uma operação na cidade paquistanesa de



Hoje, renovamos o juramento sagrado que fizemos pela primeira vez em nome deles (mortos), há um quarto de século. Jamais, em hipótese alguma, esqueceremos. É por isso que lutamos hoje. Não temos escolha. Só existe a vitória. Lutamos com garra. Lutamos para vencer."

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Saul Loeb/AFP



Donald Trump discursa no Pentágono: "Nós saudamos cada membro do Exército dos EUA que serviram na 'guerra ao terror'"

David Dee Delgado/AFP



Garoto diante de memorial aos mortos nos ataques terroristas de 2001: flores e nomes inscritos no mármore

Ryan Murphy/AFP



Instalação artística com feixes de laser simula as Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova York

Abbottabad, em 2 de maio de 2011. Hamza morreu oito anos depois.

Ontem, a Agência Central de Inteligência (CIA) retirou o sigilo de mais de 70 relatórios entregues a presidentes sobre a rede Al-Qaeda e sobre Bin Laden. A decisão dá “uma

transparência sem precedentes sobre a informação de inteligência mais sensível dos Estados Unidos em relação aos anos anteriores e ao dia posterior a um dos momentos mais obscuros da nossa história”, afirmou a CIA em um comunicado. “Esses informes

traçam a evolução da compreensão que os analistas da CIA tiveram sobre a Al-Qaeda e os esforços para destacar e advertir sobre os planos de ataque de Osama bin Laden, apesar de contar com informação escassa, vaga e imperfeita”, destacou a agência.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

O BRASIL VAI MOSTRAR SUA CARA?

É um desafio apresentado à diplomacia brasileira, no contexto das crises que se somam no cenário global, temperar a participação na cúpula do Brics, na Índia, hoje e amanhã. A três semanas de uma eleição presidencial decisiva, o país se vê imerso em uma crise institucional sem precedentes, com as pesquisas antecipando um resultado apertado e sem prognóstico para o segundo turno, previsto para o fim de outubro.

Não por acaso, o governo vai ser representado pelo chanceler Mauro Vieira. Mas o que tem a oferecer, no debate, é pouco ou quase nada. O Brasil acenou com um novo impulso nas interações no bloco emergente, visto e considerado, na política externa lulista, como um dos pilares para a inserção do país em um mundo em que se estabelece, ainda que sem formalidade, uma ordem de corte multipolar.

Aliados na empreitada, assim como adversários, passarão as próximas semanas de olho nas sondagens de intenção de voto por aqui. Até ontem, tudo indicava um segundo turno renhido entre Lula e o senador Flávio Bolsonaro. Nos poucos milhares de votos (se tanto) que definirão o páreo, diremos ao mundo que país projetamos para os próximos anos. E quais serão nossos espaços para a interação com a vizinhança.

Atestado

A reta final da campanha pelo Planalto já colocou o país em segundo plano na cúpula do Brics, que se reúne hoje e amanhã em Mumbai. Depois de uma presidência algo acanhada à frente do bloco, em 2025, o Brasil optou claramente por um perfil mais baixo depois de passar o bastão

para o governo do premiê Narendra Modi, um direitista e nacionalista hindu que preza, em primeiro lugar, a relação estratégica estabelecida nas últimas décadas com Washington.

O governo Lula conduziu o próprio período de comando no bloco com discrição, antecipando para o meio do ano a cúpula anual e a passagem do bastão, em nome da responsabilidade de sediar a conferência da ONU sobre o clima, em Belém. De certa maneira, tomou distância dos assuntos mais candentes para o Brics: a sequência da expansão e os avanços para contornar o dólar como moeda padrão para as transações internacionais.

Em 2027, a presidência rotativa caberá à China. Pequim prima pelo tato diplomático na relação algo tensa com os EUA. Mas busca, de maneira incessante, caminhos para adiantar a própria agenda.

Reestreia

A Índia assistirá ao retorno de Vladimir Putin no fórum anual mais importante do bloco emergente. Alvo de um mandado internacional de prisão expedido pelo Tribunal Penal Internacional, o presidente da Rússia não assistia a uma cúpula do Brics desde 2022, quando ordenou a invasão militar à Ucrânia.

Putin desembarcou em Nova Délhi e reuniu-se com o anfitrião, Narendra Modi, para discutir também temas da pauta bilateral. Embora mais próxima aos EUA, nos últimos anos, a Índia tem com Moscou uma relação histórica de peso que remonta à era soviética, quando o Kremlin fornecia material bélico e dava suporte diplomático à parceira em sua rivalidade milenar com a China.

De escanteio

Chamou a atenção, nesse início de setembro, o tratamento ostensivo dispensado pela Casa Branca e pelo Departamento de Estado

ao Brasil. Em meio aos contenciosos comerciais, e a menos de um mês da eleição presidencial por aqui, o governo norte-americano completou mais de 90 mensagens de congratulações a diferentes países que comemoraram a respectiva independência. Trump não dirigiu palavra ao país, embora tenham sido os EUA os primeiros a responder ao “Grito do Ipiranga”, de 1822 — dois anos mais tarde.

Marca do pênalti

O movimento mais ostensivo de Washington, na verdade, foi no sentido exatamente oposto. Diante dos últimos desdobramentos da crise em torno do Supremo Tribunal Federal, por conta das relações obscuras entre ministros da Corte e o banqueiro-presidiário Daniel Vorcaro, a sinalização vinda do norte foi de considerar a opção de colocar mais personalidades brasileiras de Estado na lista dos alvos de sanções econômicas e diplomáticas.

Entre os punidos, até aqui, está o ministro Alexandre de Moraes.